

SEGUNDA ARTES VISUAIS . TERÇA MÚSICA . QUARTA ARTES CÊNICAS . QUINTA CINEMA . SEXTA TRANSCULTURA

Artes Cênicas

LUIZ FELIPE REIS

DIVULGAÇÃO/PAULA KOSSATZ



Da Inglaterra ao Brasil. Leonardo Corajo e Cris Larin na peça em cartaz no Espaço Sérgio Porto: adaptação deixa os atores perdidos e pouco convincentes

Mudança de chave

Transposição de 'Mrs Dalloway', de Virginia Woolf, para o Brasil dos anos 1970 faz a narrativa perder seu eixo central e o tom expressivo do romance inglês

Teatro

Crítica

"As horas entre nós"

Espaço Cultural Sérgio Porto

BARBARA HELIODORA
segundocaderno@oglobo.com.br

Mais uma vez enfrentamos o problema da adaptação de um romance para o teatro. No caso de "Mrs. Dalloway", de Virginia Woolf, o problema é ainda maior, pois o original é um tour de force, que abarca presente e passado ao longo do único dia em que a protagonista, Clarissa, dará uma festa. A transposição brasileira, de Joelson Gusson, traz a ação para o Brasil dos anos 1970, o que altera o original na medida em que introduz um conflito ideológico que não é bem apresentado. A fluente narrativa de Virginia Woolf entretete com incrível habilidade, informando e justificando, as lembranças do passado, e dando forma a mo-

mentos perdidos que poderiam ter acontecido, principalmente em relação a Richard, marido de Clarissa, e a Peter, amigo de infância da protagonista que acaba de voltar da Índia. Por outro lado, estabelece a figura de Septimus como um estranho paralelo, cujas dores não foram dominadas pela implacável força de vontade de Clarissa. Esta, no romance, é a espinha dorsal da trama, está presente em tudo, a aranha em cuja teia todos os outros estão presos. Na adaptação, mesmo quando é "mantida" em cena, dormindo e não visível, não dá para sentir sua presença como narradora, e a ação fica fracionada. Nem mesmo as longas falas do personagem Pedro (o Peter do original) justificam a transposição, ainda que apresentem depoimentos significativos a respeito dos anos de chumbo. No original, a forma tinha uma razão de ser; aqui, o objetivo do texto fica indefinido.

A cenografia do próprio Gusson é prejudicial; ao tentar unificar a história usando a sa-

'As horas entre nós' é um esforço sério de elaborar uma ação sobre a trama de 'Mrs. Dalloway', mas não chega a alcançar pleno sucesso

la de Clarissa como base, ficam deslocados os episódios em outros lugares, podendo confundir o público que desconheça o romance. Além disso, parece um pouco luxuoso demais para a casa de um militar brasileiro sem posição de destaque. Os figurinos de Joana Lima Silva são satisfatórios; é boa a luz de Paulo César Medeiros e a trilha de Vicente Coelho e Dragão Voador. A direção, do adaptador, é tímida, com diálogos em tom contido

e discreto que não chegam a sugerir a média do tom brasileiro das conversas em família, ou entre pessoas que se conhecem muito. É tudo um pouco rígido e formal, e até mesmo a festa jovem parece artificial.

"As horas entre nós" é um esforço sério de elaborar uma ação sobre a trama de "Mrs. Dalloway", mas não chega a alcançar pleno sucesso; fica um pouco no meio do caminho, e morna. O adaptador/diretor/cenógrafo Joelson Gusson não encontra o equivalente ao tom do romance, tão expressivo de um modo de vida inglês e de determinada época, e talvez por isso o elenco fique perdido, atuando em um local que não situa ninguém em espaço ou época realmente brasileiros. O rendimento é fraco, e nenhum dos atores — Cris Lorin, Joelson Gusson, Clarissa Flores, Lucas Gouvêa, Carolina Ferman ou Leonardo Caraja — compõe um personagem convincente, o que deixa ainda mais clara a fraqueza dessa adaptação. ●

5 minutos com Fernando Lopes Lima

Apostando na comédia

Ator da Cia. Alfândega 88, Fernando dirige "O banqueiro anarquista", peça inspirada em conto de Fernando Pessoa que faz três sessões no Serrador (ver agenda). Além disso, Fernando já prepara outra peça, "Incendiários", e volta a atuar em "Negra felicidade", na semana que vem.

● Por que adaptar esse texto do Pessoa?

É um texto curioso, contraditório, mas criado como um diálogo. No começo me debati, achava meio reacionário, mas depois vi que era o contrário. É uma comédia feita numa época em que o anarquismo estava surgindo, e ele decide pôr abaixo uma série de verdades absolutas.

● Por que o banqueiro ganha a pecha de anarquista?

É um cara que acha que o verdadeiro anarquista tem que lutar por uma sociedade nova, mas sozinho. Ele combate as ficções sociais, entre elas, o dinheiro. Mas se não pode extingui-lo, decide subjugar-lo. Para isso, precisa ficar rico, então é se tornando um banqueiro que ele deixa de ser escravo do dinheiro. É o jeito que ele encontra de libertar a si próprio, que é a ideia central de toda a nossa abordagem sobre o texto. ●



DIVULGAÇÃO

Cena aberta

Shell divulga indicados

O 26º Prêmio Shell de Teatro divulgou ontem os indicados do primeiro semestre de 2013. Isabel Cavalcanti ("Moi Lui") e Rodrigo Portella ("Uma história oficial") disputam na categoria direção; Ricardo Blat e Thelmo Fernandes foram indicados a melhor ator por suas atuações na mesma peça, "A arte da comédia"; duas veteranas do palco concorrem a melhor atriz: Camilla Amado, por "O lugar escuro", e Suely Franco, por "As mulheres de Grey Gardens — o musical". Já na categoria autor apenas Julia Spadaccini ("Aos domingos") foi lembrada. Os indicados do segundo semestre serão conhecidos em dezembro.

DIVULGAÇÃO/ALDREN LINCOLN



"Amêsa". A atriz Heloisa Jorge na peça que abre o Festlip

Festlip de volta ao Rio

Depois de ter sido cancelado em 2012, o Festival de Teatro da Língua Portuguesa (Festlip) volta em 2013 para a sua quinta edição, de 21 a 30 de agosto. Após reverenciar o teatro de Brasil, Moçambique, Portugal e Cabo Verde, o Festlip homenageia agora Angola, em especial o escritor e autor e diretor José Mena Abrantes, autor de 22 peças, entre elas "Amêsa", que abre o evento. Com sete peças inéditas, o Festlip vai apresentar ainda shows, debates e oficinas com o ator e diretor Enrique Diaz e com a portuguesa Maria João Vicente.

Filo 2013 com boas novas

Mais longo evento teatral do país, o Festival Internacional de Londrina (Filo) chega a sua 45ª edição em 13 de agosto, contando com seis importantes atrações internacionais, como os espanhóis da Cia. La Tristura, com "Materia Prima", e da Cia. Roger Bernat, com "Pendiente de voto". De Portugal, o Peripécia Teatro apresenta "1325" Já os australianos da Perth Theater Company mostram "As aventuras de Alvin Sputnik"; os bolivianos do Alto Teatro, "Solo con esto"; e o francês François Khan, "Viagem a Izu".

90 anos de Sérgio Britto

A Babilônia Cultural Editorial, responsável pela autobiografia "O teatro & eu", escrita pelo ator, acaba de assumir a gestão do Projeto Sérgio Britto Memórias, que inclui a criação de um site, publicação de livros e uma exposição que abre em novembro no Itaú Cultural (SP), com ambientação de José Dias. Se vivo fosse, Britto completaria 90 anos neste sábado. Para celebrar a data, o CCBP recebe, no sábado, às 18h30m, um bate-papo sobre sua vida e obra, que será conduzido pelo professor Hermes Frederico.

Passando o texto

“É sobre a história de uma mulher que tem medo. Mas aos olhos do mundo é vista como uma super mulher (...) Trabalha, cuida dos filhos, do marido, independente financeiramente. Mas por dentro ela sente um vazio, uma vontade de fugir, mas não consegue. Morre de medo, então ela reza. Reza para sumir, desaparecer. Quer morrer aos olhos do mundo”

Trecho de "Os sapos", de Renata Mizrahi, no Tom Jobim

Agenda/Teatro

Hoje
● A Cia. do Latão volta ao Rio para a estreia nacional de "O patrão cordial", que chega ao Teatro III do CCBP (3808-2020), às 19h30m. A direção e o texto são de Sérgio de Carvalho, que concebeu a peça a partir de uma pesquisa que mescla a obra "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda, e a peça "O senhor Puntilla e seu criado Matti", de Bertolt Brecht.
● Criação de 2009 da Cia. Limite

151 em parceria com o diretor João Fonseca, a peça "O santo e a porca", de Ariano Suassuna, inicia uma nova temporada no Teatro Ipanema (2267-3750), às 21h.
● A ocupação artística Primus abre as portas do Glauce Rocha (2220-0259) para o bate-papo "Por dentro da cena", com os diretores Amir Haddad e João Fonseca, às 19h.

Amanhã

● Reynaldo Gianecchini volta ao

Teatro do Leblon (2529-7700), às 21h, com "Cruel", adaptação para o clássico "Os credores", de Strindberg. Dirigido por Elias Andreatto, Gianecchini contracena, no palco, com Erik Marmo e Maria Manoella.

● A peça "Obsessão", de Carla Faour, inicia uma nova temporada na Arena da Caixa (3980-3815), às 19h. Henrique Tavares dirige os atores Antônio Fragoso, Ana Baird, Celso Taddei, Daniel Belmonte e Carla Faour, que também atua.

Sexta, dia 28

● Inspirado num conto de Fernando Pessoa, "O banqueiro anarquista" faz três sessões até domingo, no Serrador (2220-5033), às 19h. A direção é de Fernando Lopes Lima (leia entrevista acima).
● Bruno Caldeira e Gustavo Rizzotti dirigem "Facinora", que reestrea no Parque das Ruínas (2215-0621), às 19h30m.

Sábado, dia 29

● O Museu de Arte do Rio (MAR) recebe a peça "A projetista", que faz duas únicas sessões, no sábado e no domingo, às 18h30m. Com direção de Cristiane Paoli Quito e interpretação de Dudu de Herrmann, o espetáculo discute os meios de viabilização da arte e cultura nos dias de hoje.
● O grupo Magiluth apresenta "Aquilo que meu olhar guardou para você", às 20h, no Espaço Furnas (2528-5166). No domingo tem repeteço, às 19h.

Agenda/Dança

Sexta, dia 28

● A Cia. Dança da Cidade apresenta o projeto "Repertório 2" no Cacilda Becker (2265-9933), às 20h. Com direção de Marisa Reis, o espetáculo reúne criações de Ana Vitória, Jair Moraes, Lourdes Bastos e Renata Melo.
● O Dançando Para Não Dançar apresenta "Favela", às 18h, no Largo do 20, na Ladeira dos Guararapes (Cosme Velho), com entrada franca e a presença de Ana Botafogo, madrinha do projeto.